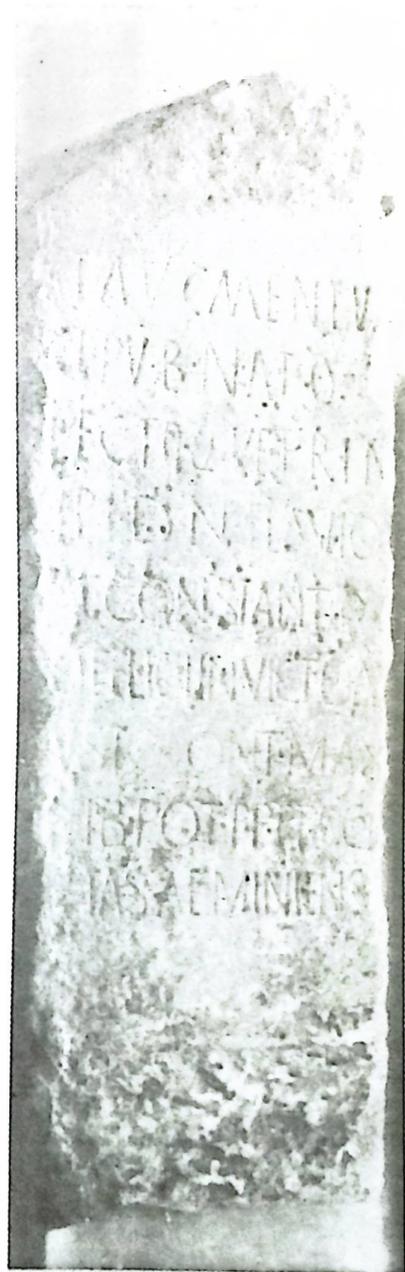


Fez em Abril de 1988 cem anos que a Arqueologia e a Epigrafia se deram as mãos na solução de um problema de topografia lusitano-romana que se arrastava há séculos: a localização da cidade de *Aeminium*. Efectivamente, depois de os arqueólogos terem descoberto ao fundo da Couraça dos Apóstolos, em Coimbra, uma inscrição autêntica, com alusão aos Eminienses, interpretada de seguida pelos epigrafistas, a localização daquela cidade, referida nos textos de Plínio-o-Velho, de Ptolemeu e do *Itinerário das Províncias*, ficou em definitivo esclarecida. A lápide veio, assim, corroborar a opinião dos que modernamente tinham advogado aquela localização, à frente dos quais se situam Augusto Filipe Simões que, na defesa dessa tese, foi apoiado por Emílio Hübner. De facto, Filipe Simões, em trabalho que depois incluiu no seu tão útil livro *Esriptos Diversos*, defendia a localização de *Aeminium* em área hoje pertencente à cidade de Coimbra.

O monumento foi prontamente estudado pelo benemérito Borges de Figueiredo, no vol. II da *Revista de Arqueologia*, pp. 66-68 e 72, num artigo e num aditamento, este em consequência de, ao redigir o primeiro, não ter visto directamente o original.

Muito mais tarde, em 1930, no n.º 2 do ano I de *Arte e Arqueologia*, excelente revista do Conselho de Arte e Arqueologia da 2.ª Circunscrição, de que infelizmente se publicaram apenas cinco números, o notável erudito e arqueólogo Augusto Mendes Simões de Castro dedicou um belo trabalho ao estudo



deste monumento, ilustrado com uma boa fotografia da inscrição e a reprodução fac-similada do texto de um postal que, a propósito, lhe endereçou Hübner.

O texto, hoje no Museu Machado de Castro, foi lido, interpretado e traduzido pelos doutos investigadores, não sendo, no entanto, concordes as doutrinas expendidas, ainda que, na globalidade, se não afastem muito um do outro. Posteriormente também dele se ocuparam outros estudiosos. Se assim é, porque voltamos nós ao texto, para mais fazendo seguir o título desta nótula de uma interrogação? Como veremos, por mais de uma razão, convindo desde já prevenir que o uso da interrogação não significa que a dúvida multissecular da identificação ainda persista: denuncia, sim, uma interpretação epigráfico-linguística que se afasta da que tem sido aceite.

A primeira leitura de Borges de Figueiredo, feita com base na notícia publicada no *Correio da Noite*, de 9 de Abril de 1888, levou-o a tentar completar o texto com uma primeira linha que nele não existe, deste modo:

#### IN HONOREM

Esta proposta resultava de ter o ilustre estudioso lido na 1.<sup>a</sup> linha do original (que passou a considerar como 2.<sup>a</sup>) a conjugação copulativa *et*, em vez da preposição *at*, que lá está; por outro lado, da comparação com a conhecida fórmula *bono reip. nato*, resultaria, como escreve, *in augmentum reipublicae nato*. Desta primeira proposta se afasta na rectificação ao seu artigo, na qual nos apresenta uma leitura quase exacta, pois, ainda assim transcreve AVGMENTVM. No entanto, não rectificou a tradução que antes apresentara. Leu ainda no final CIVITAS AEMINIENSIS, que o estado actual do texto não permite.

Leitura mais cuidada, com desenvolvimento de abreviaturas, é a de Simões de Castro, no artigo já referido, o que não impede de nele registarmos algumas falhas, como seja o desenvolvimento TRIBVNITIA (também errado em Borges de Figueiredo), quando a forma correcta é TRIBVNICIA. Além disto, lê também CIVITAS AEMINIENSIS, como Borges de Figueiredo.

Quanto ao início da inscrição, bem em Simões de Castro:

AT AVCMENTVM (com restituição do *M* final)

O uso de AT por AD e da oclusiva surda C, em vez da sonora G, nada tem de estranho, porque não faltam os exemplos epigráficos a confirmá-lo.

A lição CIVITAS AEMINIENSIS, não sendo impossível, afigura-se-nos ser menos provável do que esta:

#### CIVITAS AEMINIENS [IVM];

isto, pela comparação com os exemplos congéneres. Desta opinião parece terem partilhado também os Profs. Amorim Girão e Torquato de Sousa Soares, autores do capítulo *Origem e História da Cidade*, na tão interessante monografia *Coimbra. Paisagem — Arte — História* (2.<sup>a</sup> ed., Coimbra, 1942), ao traduzirem por *cidade dos aeminienses*.

Vejamos então as duas traduções propostas:

Borges de Figueiredo:

«Ao que nasceu para honra (?) e incremento da republica, e amado principe, nosso senhor Flavio Valerio Constancio, pio, feliz, invicto, augusto, pontifice maximo, com o tribunicio poder, pae da patria, proconsul, os cidadãos de Aeminium (dedicaram este monumento)».

Simões de Castro:

«A Nossos Senhor Flávio Valério Constâncio, Pio, Feliz, Invicto, Augusto, Pontífice Máximo, com o Poder Tribunício, Pai da Pátria, Procônsul — nascido para engrandecimento da República e Príncipe querido — a cidade de Emínio dedica este monumento.»

E a nossa versão:

«A

Flávio Valério Constâncio, Senhor nosso e dilecto Príncipe, bem nascido para aumento da república, feliz, invicto, augusto, pontífice máximo, investido do poder tribunício, pai da Pátria, procônsul, a

Comunidade de Emínio.»

Devo esclarecer que esta versão não deixou de ter em conta um certo estilo camoniano, por — curiosa coincidência! — naquele passo d'*Os Lusíadas*, que é a dedicatória a D. Sebastião, que Camões como que diviniza em vida, à semelhança dos Césares romanos, se verificar uma certa convergência vocabular com o texto da lápide:

E Vós, ó bem nascida segurança  
Da lusitana antiga liberdade,  
E não menos certíssima esperança  
De aumento da pequena Cristandade.

A expressão «bem nascida» aproximamo-la nós do latim *bonus reipublicae natus*; «aumento» corresponde ao *augmentum* nas frases latinas do tipo de *in augmentum reipublicae nato*.

Simple coincidência? É bem possível, mas não se estranhe que nos sirvamos na nossa versão do léxico d'*Os Lusíadas* com que se fixou definitivamente a Língua na sua fase moderna. Assim, este monumento epigráfico honorífico, dos começos do séc. IV (305-306, como muito acertadamente propôs o Doutor António de Vasconcelos), assume para nós maior dimensão cultural, se é certo que o podemos aproximar daquele passo da Epopeia nacional.

9 de Julho de 1989.